

As particularidades do livro-reportagem no campo jornalístico ¹

Lara Mireny Freitas PATROCÍNIO²
Valmir MATIAZZI³
Faesa Centro Universitário, Vitória, ES

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o livro-reportagem como um instrumento de comunicação que possibilita a abertura de espaços para abordagens mais aprofundadas e detalhadas no campo do jornalismo. Ele revela conceitos, tipos e características do livro-reportagem, traça um breve histórico desse veículo no Brasil e no mundo, bem como discute as interfaces com o gênero literário e o recurso de captação chamado histórias de vidas. Em suma, a discussão procura ajudar nos estudos sobre livro-reportagem e jornalismo, assim como contribuir para a produção do produto que vem crescendo no mercado editorial.

Palavras-chave: Livro-reportagem; jornalismo; gênero jornalístico; comunicação.

Introdução

Ao longo do tempo, o fazer jornalístico foi se transformando e se desenvolvendo. Houve, então, a necessidade de buscar alternativas dentro do jornalismo tradicional para além do imediatismo dos fatos, e isso abriu caminho para a prática do livro-reportagem.

Com um caráter totalmente atemporal que permitiu espaço para abordagens criativas e diferentes, esse gênero jornalístico se revelou como um instrumento que pede um nível de detalhamento, profundidade e contextualização que outros veículos de comunicação não conseguem oferecer.

Desse modo, buscando preencher os vazios informativos, o livro-reportagem permite ao jornalista ir além do factual, explorar os detalhes, o contexto dos temas, e,

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém-graduada do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faesa Centro Universitário, e-mail: lara.mireny@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faesa Centro Universitário, e-mail: valmir.matiazzi@faesa.br.

assim, mergulhar no fato e contar uma história. Essa narrativa, cada vez mais importante na renovação da prática jornalística, apresenta com frequência assuntos decorrentes da sociedade contemporânea, como investigações policiais, escândalos políticos, bastidores da música, dentre outros; e ganha grande admiração por jornalista e leitores.

Conceito e características do livro-reportagem

O livro-reportagem é um gênero jornalístico que, diferente dos jornais periódicos, não apresenta temas de caráter efêmero. De acordo com Belo (2006), o livro-reportagem reúne uma gama de informações contextualizadas sobre um determinado assunto e também possibilita o aprofundamento da abordagem, muita das vezes, pouco explorada.

Esse instrumento de comunicação quebra limites impostos pelo próprio jornalismo, em razão de construir uma narrativa da realidade com muito mais profundidade. Para Lima (1993), o livro-reportagem cumpre o papel de preencher os vazios deixados pelo jornal, revista e emissoras de rádio e televisão, visto que avança em campos tratados superficialmente pelos meios de comunicação.

Desse modo, enquanto o jornalismo exerce o simples propósito de informar ao público sobre fatos da atualidade, o livro-reportagem apresenta uma extensão superior de detalhes para possibilitar um envolvimento maior com a história. Ao detalhar cuidadosamente uma situação, o veículo de comunicação não periódico consegue prolongar a existência dos acontecimentos e revelar ao leitor o alcance do tema.

No que tange à origem do livro-reportagem, há registros que, após o advento da prensa, o livro tornou-se um suporte jornalístico no século XVI. Sousa (2008) caracteriza o livro noticioso como um “novo fenômeno pré-jornalístico” e classifica-o como “anúário noticioso” em virtude de revelar ambições historiográficas, jornalísticas e incentivar o aparecimento de registros antigos.

Por outro lado, Belo (2006) diz não ter conhecimento de uma data de nascimento. Entretanto, institui uma estimativa. Na Europa, no século XIX, a reportagem em livro era vista como um subgênero da literatura. Nessa época, era difícil discernir jornalismo e literatura, dado que grande parte das publicações dos jornais eram ensaios, artigos, editoriais ou mesmo textos literários.

O jornalismo europeu não era majoritariamente factual, mas autoral, interpretativo e opinativo. Para mais, usufruiu de técnicas utilizadas em romances a fim de enriquecer os textos e chamar a atenção do leitor. Segundo Belo (2006) a produção jornalística em livro naquele tempo registrava viagens e narrativas de conquistadores das colônias.

Aos poucos, novas mudanças surgiriam. Os relatos iriam caracterizar a prática da reportagem e as primeiras grandes matérias com assuntos de interesse público ganhariam destaque. Contudo, o padrão do jornalismo europeu era diferente do norte-americano que, posteriormente, foi adotado pelo Brasil.

Enquanto nos Estados Unidos os veículos são organizações eminentemente empresariais, na Europa o jornalismo nasceu da atividade político-partidária (veículos impressos) e da preocupação estatal com o emprego do rádio e da televisão no processo educacional. [...] Ao tratar assuntos considerados importantes com solenidade e, muitas vezes, espírito crítico, a mídia europeia deu um passo largo para a criação de um mercado produtor e consumidor de livros (BELO, 2006, p. 20-21).

Apesar da distinção, a prática do livro-reportagem expandiu-se e consolidou-se. Nos Estados Unidos, a produção de reportagens em livro ficou conhecida pelas obras do jornalista John Reed. Com uma narrativa cheia de detalhes e toques literários, o escritor alcançou a fama entre o público, a mídia e os críticos. “Na primeira metade do século, jornais e revistas destinavam áreas extensas de suas edições para contar o que lhes pareciam ser boas histórias. Uma parcela considerável delas foi parar nas páginas dos livros” (BELO, 2006, p.22).

Desde então, esse modelo atingiu respeitável consideração por jornalista e leitores e, desse modo, vem crescendo no mercado editorial. Há uma variedade muito grande de relatos de feitos esportivos, narrativas históricas, bastidores da política e livros com entrevistas. No entanto, escrever um livro-reportagem também é estar à frente de desafios, como o desafio de relatar em profundidade, encontrar personagens interessantes e conquistar a confiança do entrevistado.

Para Lima (1993, p.37), “São as técnicas da reportagem o de que se vale o livro de relato do real para se comunicar. É visando uma narrativa ampliada que o jornalista se propõe a produzir um livro-reportagem”. O autor explica que à medida que há a necessidade de encontrar explicações as quais não foram respondidas, o leitor passa a

esperar um tratamento noticioso maior e, dessa forma, fica motivado a aprofundar-se em mais informações.

A partir de fatos e dados, o escritor tem a função de informar, em profundidade, um episódio ou situação de modo a revelar ao leitor os rumos dos acontecimentos. Entretanto, não se trata apenas de informar o desdobramento de uma ocorrência. O público espera uma matéria de qualidade, por isso, o papel do jornalista é explorar, investigar e interpretar.

Diante dessas especificidades, o livro-reportagem se diferencia das demais publicações conceituadas como livro por incorporar três características fundamentais, que, de acordo com Lima (1993), se classificam quanto ao conteúdo – o objeto de abordagem que condiz ao factual – ao tratamento – a linguagem, a montagem e a edição do texto; nesse ponto, o livro-reportagem guia-se pelas particularidades da linguagem jornalística – e à função – visto que segue o objetivo fundamental de informar, orientar e explicar.

O objetivo é oferecer um quadro da contemporaneidade capaz de situar o leitor diante das múltiplas realidades desse quadro e de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo. Nesse caso, o livro-reportagem contextualiza o tema para o leitor, faz uma leitura sistêmica da realidade (LIMA, 1998, p.29).

Assim, por demandar o emprego de técnicas de apuração para investigar e pesquisar o tema, a narrativa tem a possibilidade de se preocupar mais intensivamente com fatores os quais passam despercebidos. A tarefa do livro-reportagem, é, portanto, auxiliar na construção de sentidos e consentir contextos e novas abordagens além dos noticiados na atualidade.

O livro-reportagem enquanto gênero jornalístico no Brasil

Para compreender o panorama atual do livro-reportagem no Brasil e as suas possibilidades no campo do jornalismo, é necessário traçar uma breve história e conhecer as origens da reportagem no século XX. De acordo com Belo (2006), a revista semanal *O Cruzeiro*, lançada em 1928, foi o primeiro veículo periódico no País a oferecer a experiência de um jornalismo com viés mais literário.

Na década de 1940, quando passou a investir na reportagem, a revista alcançou o sucesso. Belo (2006) explica que a adoção de textos mais analíticos e investigativos chamou a atenção dos leitores. “A vocação para contar histórias e a ampla elasticidade nos conceitos de ética e exatidão permitiam à revista trazer ao público relatos vívidos, muitas vezes fantásticos” (BELO, 2006, p. 28).

A partir da década de 1960, a revista *Realidade* ganhou espaço no mercado. Tendo como princípios a liberdade da escolha de pauta, a descrição de uma situação real, o uso da observação participante bem como a priorização de personagens anônimos, Belo (2006) explica que *Realidade* recebeu prestígio devido à criação de matérias aprofundadas com extensas informações. Pode-se dizer que esse meio de comunicação inovou ao ponto de inspirar jornalistas no Brasil atual.

O cenário brasileiro resgatou a experiência do chamado *new journalism*, visto que as revistas se destacavam pela reportagem participativa. Com isso, o jornalista descreve e apura de forma minuciosa um acontecimento real e traz uma abordagem pessoal, ou seja, uma visão, sobre o fato descrito.

Outro veículo que ajudou a expandir a grande reportagem no País foi o *Jornal da Tarde*, de 1966. Para Belo (2006, p.30), é “a primeira e até o momento única experiência bem-sucedida de jornal com conteúdo mais literário”. Aliado ao periódico, estava a diagramação com grandes ilustrações. Além disso, um recurso utilizado era o emprego de reportagens em séries, bastante conhecido no mercado americano.

A revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde*, ambos veículos de referência, conceberam uma nova leva de jornalistas-autores e, conseqüentemente, o aumento dos investimentos nas grandes reportagens. Dessa forma, tornou-se possível visualizar a confecção dos livros-reportagem. E o ano de 1980 representou o auge das publicações.

Todavia, o primeiro marco para o livro-reportagem no Brasil surgiu antes dessa década. A obra *Os Sertões* (1901), de Euclides da Cunha, foi construída como uma série de relatos para o jornal *O Estado de São Paulo* e apresentou uma observação social sobre os acontecimentos da Guerra de Canudos.

Além de Euclides da Cunha, um dos pioneiros brasileiros foi o jornalista e cronista Paulo Barreto, também conhecido como João do Rio. Ainda nas primeiras décadas do século XX, ele publicou livros elaborados a partir de trabalhos de reportagem. As obras *Religiões do Rio* (1906), *Cinematógrafo* (1909), *A alma encantadora das ruas* (1910), *Vida vertiginosa* (1911) e *Os dias passam* (1912), são exemplos de livros-reportagem que revelam um olhar humanizado, relatos do cotidiano tal como descrições detalhadas e o questionamento de fontes.

Belo (2006) informa que, com o tempo, o jornalismo brasileiro afastou-se do modelo europeu, o qual combinava literatura com técnicas da reportagem, e aproximou-se mais do modelo norte-americano, que fazia o uso da pirâmide invertida – com a enumeração dos fatos de acordo com o grau de importância – e do *lead*, isto é, o primeiro parágrafo do texto com o resumo das informações mais relevantes.

Desse modo, em 1950, os veículos adotaram novas dinâmicas marcadas pela lógica da velocidade. Belo (2006) elucida que essa característica do jornalismo no que se refere à alta velocidade de circulação de informações, está relacionada à capacidade de divulgação e propagação de notícias por parte da audiência. Não obstante, nomes como Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis, Lima Barreto, Rubem Braga e Nelson Rodrigues ainda dedicaram boa parte do tempo à literatura.

Na década de 1970, no auge da ditadura, os jornalistas passaram a se aprofundar mais no universo dos livros a fim de responder à censura da imprensa e autocensura das redações. Aliás, tratava-se da “demanda sufocada do público leitor por narrativas, informações, análises e descrições – políticas, especialmente – cuja circulação era reprimida pelo governo ditatorial da época” (CATALÃO JR., 2010, p.102).

O fim da ditadura militar, em 1985, incentivou o crescimento do mercado brasileiro para livros-reportagem, uma vez que os jornalistas ansiavam escrever sobre os momentos da história política os quais vivenciaram. Aos poucos, “o livro-reportagem atingiu respeitável nível de expressão ao transplantar para seu campo específico, com sucesso, técnicas da literatura” (LIMA, 1993, p. 182). E tornou-se um produto cultural que atrai o interesse do público e cresce visivelmente no Brasil.

Atualmente, uma simples consulta no mercado editorial brasileiro comprova a grande quantidade de jornalistas que produzem livros-reportagem sobre os mais variados assuntos. Destacam-se grandes nomes como Eliane Brum, Caco Barcellos, Ricardo Kotscho e Ruy Castro.

Assim como no passado, os jornalistas continuam sendo responsáveis por exibir histórias ocultas de um Brasil pouco investigado. O ato de transformar informações jornalísticas em material de livro cumpre o importante papel de proteger a memória do esquecimento. Pode-se dizer, por conseguinte, que o livro-reportagem é uma herança dos saberes, pois eterniza fatos para que sejam sempre mantidos em discussão.

Classificações dos temas do livro-reportagem contemporâneo

Para realizar a compreensão de temas temporalmente distantes da atualidade, Lima (1993, p. 44) constatou que há uma grande variedade de livros-reportagem – que se distinguem quanto à linha temática bem como aos modelos de tratamento narrativo – e classificou-os em 13 temáticas.

Um deles é o livro-reportagem-perfil, cujo tipo trata da humanização da vida de uma personalidade pública ou uma personagem anônima. Logo, gira em torno das características e circunstâncias de vida do entrevistado. Couto (2017) concorda com Lima (1993) e define o perfil como a construção de um retrato humano que permite procedimentos como a mescla da apresentação de narrativas em primeira ou terceira pessoa.

Para Couto (2017), o perfil procura explorar a vida do entrevistado e produzir um resultado de compreensão. Em síntese, o livro-reportagem-perfil extrai o máximo de informações possíveis com o propósito de alcançar amplas dimensões. Em seguida, transforma um fato, aspecto, comportamento ou um valor do personagem em história, colocando-o sempre no centro da narrativa com o intuito de humanizar e também emocionar.

Além dessa modalidade, Lima (1993) identificou o livro-reportagem-depoimento – que, mediante a declaração de um participante ou testemunha, reconstitui um acontecimento relevante – livro-reportagem-retrato, o qual se assemelha ao livro-perfil,

no entanto, enfatiza uma região geográfica, setor da sociedade ou atividades econômicas; livro-reportagem-ciência – cujo objetivo é a divulgação científica – e livro-reportagem-ambiente, que está associado aos interesses ambientalistas e às causas ecológicas.

Para Lima (1993, p.44), “o objetivo particular, específico, com que o livro desempenha narrativamente sua função de informar e orientar com profundidade, e a natureza do tema de que trata a obra” são critérios os quais definem os tipos de livro-reportagem.

Com isso, Lima (1993) classificou também o livro-reportagem-história, que destaca um tema de um determinado tempo passado; livro-reportagem nova consciência – onde aponta novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas – livro-reportagem-instantâneo, o qual se dedica aos fatos recém-concluídos e livro-reportagem-atualidade, que, assim como o instantâneo, apresenta temas atuais, porém, seleciona assuntos com desdobramento final desconhecido.

Desta maneira, para escrever um livro-reportagem, é fundamental definir a escolha do tema. Couto (2017) orienta que além da escolha do tema, a elaboração da pauta, as pesquisas preliminares assim como a organização do material coletado, são essenciais para a construção dessa ferramenta de comunicação.

Outras temáticas, segundo Lima (1993), são o livro-reportagem-antologia, que agrupa reportagens dos mais distintos critérios, publicadas na imprensa cotidiana ou mesmo em outros livros; livro-reportagem-denúncia, com propósito investigativo, ele apela contra as injustiças; livro-reportagem-ensaio – por apresentar a postura de ensaio, expõe as opiniões do autor com a finalidade de convencer o leitor a compartilhar de tal ponto de vista; e, por fim, o livro-reportagem-viagem, que por meio de uma viagem a uma região geográfica específica, retrata aspectos da realidade do local.

Lima (1993) acredita que, com o tempo, novas variedades de temas possam se manifestar, tendo em vista os efeitos da flexibilidade e da criatividade peculiares ao livro-reportagem. “Tampouco pode ser entendida como uma camisa-de-força que se impõe à realidade. Na prática é possível que títulos se enquadrem simultaneamente em mais de uma classificação” (LIMA, 1993, p.50).

Sabendo que há diferentes temáticas que se mesclam e se encaixam em mais de uma classificação, é possível assimilar o alcance do campo do livro-reportagem que se entrega a garantir mais informações para o leitor. Posto isso, o surgimento de novas publicações torna viável o legado daquela que é a compreensão ampliada da contemporaneidade.

Histórias de vida

Na busca do aprofundamento, o livro-reportagem foge do método de responder apenas perguntas básicas de um esquema formulado e manifesta uma captação mais aprofundada, que possa entender os relatos dos entrevistados e conhecer as origens e antecedentes de uma informação. Diante disso, um recurso de captação utilizado no livro-reportagem são as histórias de vida.

De acordo com Couto (2017), tem esse nome porque o entrevistador deixa o entrevistado contar a sua própria história com as palavras que bem entender. E este dá importância aos fatos que foram vivenciados com o ponto de vista do acontecimento.

Nesse caso, trata-se de uma conversa espontânea, em que o jornalista permite que o entrevistado fale à vontade e com mais naturalidade, sem que seja, por muitas das vezes, interrompido. Dessa maneira, o entrevistado revela valores, conceitos, comportamentos e também intimidades, proporcionado, portanto, que as histórias sejam narradas com observações mais criteriosas.

Lima (1993) informa que as histórias de vida podem aparecer em forma de entrevista – isto é, com a reprodução do diálogo entre o entrevistador e o entrevistado – como depoimento direto ou também em uma apresentação com narrativa em primeira ou terceira pessoa.

De acordo com Brandão (1987), antes de ter conhecimento sobre um indivíduo, é necessário se comprometer e participar do histórico de vida deste. “[...] a quem, mais que conhecer para explicar, a pesquisa pretende compreender para servir” (BRANDÃO, 1987, p. 12).

Partindo desse pressuposto, Brandão (1987) explica que é instituída uma nova coerência de trabalho científico que propicia a execução de diferentes técnicas, as quais,

segundo o autor, são: o relato de outros observadores, a leitura de documentos, a aplicação de questionários e a observação da vida e do trabalho.

Desse modo, a essência das histórias de vida encontra-se nas próprias palavras do entrevistado. A representação de um fato, de uma pessoa ou um ambiente, é demonstrada pelo ponto de vista do personagem. O resultado é a riqueza de detalhes mediante ao compartilhamento das experiências vividas.

Couto (2017) parte das reflexões de Brandão (1987) e afirma que as histórias de vida acabam tendo mais destaque em livros-reportagem pois é um recurso mais humanizado, com foco nos personagens e nas experiências vividas por eles.

Segundo Couto (2017), as experiências denotam mais vivacidade e veracidade quando são ditas por quem as vivenciou. Para a autora, muitas vezes, os fatos são tão contundentes e as palavras são tão profundas e ricas que seria inadequado atribuí-las a outra pessoa que não fosse quem as pronunciou.

Em suma, o livro-reportagem oportuniza que o jornalista realize uma entrevista mais aberta, dialogal, humanizada e, com essa postura, tenha uma aproximação maior com o entrevistado. Este coloca a sua vivência à mesa e o profissional de comunicação se deleita com o aprofundamento do relato. Sendo assim, a história de vida surge para resgatar a oralidade e demonstrar o potencial do personagem.

Jornalismo literário

A literatura é uma manifestação artística do ser humano que, além de comunicar um fato, encontra nas palavras uma forma sensível e humanamente profunda de se expressar. À vista disso, o jornalismo une o texto jornalístico à literatura para não apenas divulgar uma simples notícia com informações básicas, mas produzir histórias amplas e detalhadas. Essa especialidade é chamada de jornalismo literário.

Apesar de ter surgido com o objetivo de ser uma espécie de fuga dos padrões da redação ou um exercício da escrita literária nos livros-reportagem, Pena (2011) acredita que o jornalismo literário apresenta um conceito muito mais amplo.

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer

plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2011, p.13).

Pena (2011) esclarece que essa vertente desenvolve as técnicas da narrativa jornalística – apuração, observação, abordagem ética e clareza – acrescentando novas estratégias profissionais. Além disso, observa o rompimento de duas características básicas do jornalismo contemporâneo, a periodicidade e a atualidade. Para o autor, o propósito do jornalista é ultrapassar os limites do tempo e ocasionar uma visão ampla da realidade.

A disseminação de imprimir marcar literárias no texto jornalístico é verificada desde o século XIX, na Europa. Considerando os fatos históricos sobre a relação entre o jornalismo europeu e a literatura, Couto (2017) nota que, mais precisamente na França, os jornais deram espaço a escritores e redatores que escreviam bem e tinham o dom da palavra.

O jornalismo literário é influenciado por um movimento de renovação do jornalismo tradicional conhecido como *new journalism*, que despertou novos ritmos e padrões na imprensa norte-americana e assimilou técnicas da literatura para uma criação mais livre e criativa.

Na segunda metade do século XIX, o fortalecimento da aproximação do jornalismo e da literatura concedeu forças ao surgimento do *new journalism* na década de 1960 e 1970. Esse fenômeno foi um protesto contra a ditadura do *lead* e da pirâmide invertida que se difundia ao redor do mundo.

Aos poucos, o movimento chamou a atenção de jornalistas que discordavam do padrão vigente da imprensa americana. Dentre esses profissionais pode-se destacar, por exemplo, Truman Capote com o livro *A sangue frio* (1966), Tom Wolfe e a obra *O teste do ácido do refresco elétrico* (1968), Norman Mailer com *Exércitos da noite* (1968) e Gay Telesse que publicou *A mulher do próximo* (1968).

Em 1973, Tom Wolfe, um dos precursores do *new journalism*, foi vítima de polêmicas por defender um novo estilo contrário ao jornalismo convencional, rigoroso e objetivo. Segundo Wolfe (2005), a estética literária denominada neofabulista e mítica, divergente da realidade social, era dominante entre os romancistas da época.

Cosson (2007, p.138) pressupõe que as ideias do jornalista influenciaram vários críticos e “ajudaram a convencer de que se tratava de um gênero a ser definido e incorporado ao discurso jornalístico e/ou ao discurso literário”. Para a autora, Wolfe representa um antídoto contra o padrão de objetividade, a qual era controlada por interesses corporativos. A defesa do *new journalism* simbolizava, em vista disso, maneiras mais elaboradas, reveladoras e envolventes de narrar a realidade.

Partindo dessa premissa, Pena (2011) determina que a preocupação do jornalismo literário é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível. Para tal fim, as informações devem ser relacionadas aos fatos, comparadas com outras abordagens e inseridas em um espaço temporal de longa duração.

Pena (2011) expõe ainda uma característica da narrativa jornalística a qual ruptura com o jornalismo literário. O *lead*, cujo propósito é conferir objetividade à imprensa ao responder a seis questões básicas – Quem? O quê? Como? Onde? Quando? Por quê? – extrai a subjetividade do escritor. “Falta criatividade, elegância e estilo. É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa” (PENA, 2011, p.15).

Um veículo de comunicação que, segundo Lima (1993), rompia com as fórmulas tradicionais do jornalismo no Brasil e encontrou na literatura uma forma de se expressar foi a revista *Realidade*, dos anos 60.

Uma das características do “estilo *Realidade*” é que não havia estilo uniforme padrão. Cada profissional que procurasse a sua forma de expressão, mais indicada para cada circunstância. Por isso as reportagens tinham seu toque de individualidade [...]. *Realidade* era uma revista de sabor, as matérias tinham de encontrar a sua forma de canalizar e reproduzir o contato visceral com a vida (LIMA, 1993, p.172).

O jornalismo literário revela que os jornalistas conseguem impor um estilo próprio e desempenhar um notável trabalho mais aprofundado e criativo. Por conseguinte, proporciona a cada autor diferentes interpretações e maneiras de relatar o mundo. E, ao leitor, favorece a possibilidade de escolha a partir de visões retratadas pelo escritor. *Realidade*, então, resgatou os recursos da literatura para serem utilizados no jornalismo e favoreceu a construção da admiração de produções jornalísticas, como é o caso dos livros-reportagem.

De acordo com Lima (1993), o livro-reportagem apresenta características próximas ao romance, uma vez que visam ao conhecimento da realidade humana, constroem uma fórmula estética para conduzir o leitor a uma leitura agradável, e também são capazes de romper estruturas estabelecidas para transmitir uma mensagem. “E ambos tanto relatam uma trama [...] quanto simultaneamente realizam, através desse enredo, uma reflexão direta ou sugerida de um tema representativo de valores duradouros” (LIMA, 1993, p.197).

Para Lima (1993), quando o livro-reportagem se aproxima da tarefa historiográfica, conduzindo o resgate de um fato histórico bem como a recuperação de um episódio épico, ele se assemelha à modalidade literária conhecida como romance histórico. “É preciso compreender que o romance tornou possível o resgate do passado, trazendo-o à nova luz, no presente, para nossa compreensão” (LIMA, 1993, p.197).

Diferente das produções jornalísticas que são factuais, ou seja, baseadas em algo que aconteceu recentemente no cotidiano – que, com o tempo, são facilmente esquecidas – e, de natureza igual ao livro-reportagem, o objetivo do jornalismo literário é a perenidade. Segundo Pena (2011, p. 15), “Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos”.

É importante analisar também como a retomada da memória é importante para relembrar os acontecimentos da vida. “Entendido como resgate de riquezas psicológicas e sociais, esse método de captação encontra melhor aplicabilidade no livro-reportagem” (LIMA, 1993, p.99). A memória possui uma relação intrínseca com o fazer jornalístico. Sendo assim, utiliza recursos de apuração, interpretação, observação e narrativa estilística para contar histórias de vida.

É evidente que o aprofundamento e a liberdade temática fomentada pelo jornalismo literário atraíram muitos jornalistas e leitores. O conteúdo não fica reduzido apenas a informações superficiais, mas recebe demasiados elementos intelectuais e emocionais.

Metodologia

A metodologia utilizada para este trabalho foi a pesquisa bibliográfica. Segundo Gonsalves (2001), esse método tem como característica a identificação e análise dos dados escritos em livros, artigos e revistas. Além disso, tem a finalidade de proporcionar contato com o que já foi produzido sobre determinado tema de pesquisa.

A pesquisa bibliográfica serve, então, como base para o aprofundamento de um assunto, uma vez que permite desfrutar das contribuições científicas de autores sobre os mais variados temas. Para a produção deste trabalho, foi utilizado como referência livros e artigos científicos, de modo a colaborar com a extração de conhecimento a que se propõe este estudo.

Para Gil (2008, p.50), a principal vantagem é a ampla “cobertura de uma gama de fenômenos” oferecida ao investigador. À medida que o problema da pesquisa necessita de maiores coletas de dados, essa vantagem torna-se mais importante. Logo, esse método contribuiu para sustentar argumentações e estabelecer reflexões com os teóricos e, desse jeito, construir um conjunto de palavras-chave que se adaptassem ao processo da pesquisa. Sendo assim, um levantamento de conhecimentos teóricos foi aplicado na prática da construção das reflexões deste trabalho, a fim de auxiliar na montagem da estrutura de busca e identificar conexões acerca do tema.

Conclusão

Dado o contexto, conclui-se que o livro-reportagem é um meio de comunicação que sai da zona a qual se encontra o jornalismo contemporâneo, uma vez que o formato permite uma liberdade impossível de se alcançar nos meios convencionais. Esse gênero jornalístico permite a descrição de fatos com profundidade e contexto, tal como a busca de ligações entre as informações.

Logo, não se trata somente de um relato, mas de histórias que falam da realidade cotidiana e de pessoas que a personificam. Mais do que informar um determinado assunto, o livro-reportagem é uma forma de aprofundar e dinamizar a leitura, sem provocar danos ao caráter jornalístico. Vale destacar que a relação entre jornalismo e literatura também nos mostra a capacidade de construir uma narrativa real mais atrativa e criativa.

Embora tenha origem no século XVI, é um gênero que vem se transformando, ganhando novas classificações e recebendo cada vez mais espaço no mercado editorial, seja apresentando personagens, histórias de vida ou reconstrução de fatos históricos.

O livro-reportagem, portanto, é a prova de que fazer jornalismo em um formato literário é possível. O jornalismo precisa estar em constante processo de transformação e rever o modo como se comunica um fato, pois há histórias que precisam ser contadas como histórias.

Bibliografia

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante**. Petrópolis: Vozes, 1987.

CATALÃO JR., Antonio Heriberto. **Jornalismo Best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo**. 2010. Tese doutorado – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara.

COSSON, Rildo. **Fronteiras contaminadas: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

COUTO, Andréia Terzariol. **Livro-reportagem: Guia prático para profissionais e estudantes de Jornalismo**. 1. ed. São Paulo: Alínea, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1993.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. 2008. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf> > Acessado em: 09 jul. 2021.